

Comentários sobre o livro:

Villa Boa de Goyaz, autor Rafael Perini

O livro do Rafael naturalmente se auto-apresenta: são lindas as imagens por méritos do autor e da cidade. As imagens poesia e as poesias escritas compõem um *pas-de-deux* delicioso, alçando o necessário voo literário, tremendamente maior que a simples soma de fotos e textos. Fotografias nos abrem janelas, revelam (não é à toa essa palavra) imagens que são contadas pelo fotógrafo. E revela-se aqui um contador de causos – e como apreciamos esse jeito tão humano de mostrar a vida! Podemos ser felizes ao nos deixarmos pertencer aos livros. O que são eles senão as pedras do caminho? Pavimentam, vazam rios, as pequenas e límpidas apontam, as douradas nos fazem sonhar, as brilhantes nos perdem, as grandes em demasia nos impedem, as antigas ensinam respeito, as atiradas nos ferem, as que constroem nos abrigam.

Eis Rafael, um estreante, um tímido a estrear no mundo virtual e virtuoso, quase paralelo, dos livros. Desta vez abrindo janelas descritivas e palavras escolhidas, inclusive estas. Eis as primeiras luzes das entranhas desta alma vivida em sendas tão similares quanto diversas às nossas. Nossas vidas entrelaçadas e a visão particular que podemos oferecer. Eis um enquadramento de menino e adulto, de coisas já vistas e que pouco a pouco se desmancham e se recompõem, muitas vezes em ordenamento imagético e cronológico que é a nossa história, não *a* história. O desmanchar da memória aos poucos transforma partes das nossas lembranças em poesia, mesmo as jamais escritas, posto que urdidas em segredo e dispostas, camada por camada, em nossos baús estradeiros. Poesia que se reencarna de cores. Esse pincelar de ventos antigos e o olhar dos vindouros me comoveram profundamente e me deixaram muito melhor.

Emoção é a água da vida e nessa toada reavivo minhas brasas e reafirmo a minha paixão por Goiás, a borboleta com asas de telhado, o corpo d'água no Rio Vermelho, as cores submersas e os refluxos de ouro. Às vezes, as águas são fininhas e revelam a grandeza das pedras. Às vezes, são as colchas e rendas de espuma. Pelas águas-telhado escorrem águas de cheiro até as pedras e o povo moído, herdeiro do suor das tardes. E meninas de gestos calmos prosseguem, levando a vida de resíduos e resinas, raízes das gerações filheiras, vidas inteiras das tantas Coras. Podem ser avarentas essas águas, mas sobejam anáguas enchentes opulentas e as taipas e pedras derreiam embarradas e a cruz soerguida o rio agarra. Nos basta vê-la, Santana. Ai meu Bom Jesus! Valei-me Nossenhora D'Abadia! Desafogai-me das águas, embebei-me nas secas, somos navegantes de veredas e cerrados infinitos, deste *Mare Nostrum* espessado que sangra pelo Vermelho, funde Berôocã, repuxa das Mortes, Uruhu, Almas, Maranhão, até Santa Maria de Belém do Grão Pará, fusão plena de águaterra. Amém.

J. L. Galvão Jr. (Soneca)